



Vivências agrofloretais no assentamento José Lutzenberger, Antonina-PR *Agroforestry experiences in the José Lutzenberger settlement, Antonina-PR*

LIMA, Luisa¹; LOPES, Paulo Rogério¹; ARAÚJO LOPES, Keila Cássia¹; JANTALIA, Eduardo Kobylansky; FRANCISCO, Alan Marx¹; MOTA, Gabriela Almeida; KOCH, Helena Beltrão¹; ANTUNES, Gabriella Marília¹; MORGAN, Lunamar Cristina¹

¹ Integrantes do Projeto Tecnologias Sociais para a promoção da segurança e soberania alimentar, Nea Juçara. UFPR Litoral, luisarlina367@gmail.com; agroecologialopes@gmail.com; keilacassia2020@gmail.com; dujanta@gmail.com; alan.marx18@gmail.com; gabe-mota@live.com; helenabeltrao@ufpr.br; oiaasprantina@gmail.com; lunamarcristina@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: O assentamento José Lutzenberger está localizado em Antonina, no litoral do Paraná. Anteriormente à ocupação, a área era utilizada para a bubalinocultura e sofreu infrações ambientais. O terreno apresentava desafios para os agricultores, pois era uma área degradada e de proteção ambiental. Os objetivos da vivência foram de conhecer a realidade local e contribuir com a superação dos desafios a fim de promover o uso da terra de forma ecológica, sustentável, produtiva e autossuficiente. Desenvolveu-se ações pelos projetos de extensão Tecnologias Sociais e Tecendo Saberes da UFPR Litoral em conjunto com os agricultores através de metodologias e diagnóstico socioambiental participativos. Os resultados foram de trocas de experiências entre estudantes, agricultores, técnicos e pesquisadores, mutirões de avaliação, de planejamento e plantio de uma área de SAF coletiva, além de proporcionar o desenvolvimento de conhecimento entre a universidade e o MST.

Palavras-chave: agrofloresta; restauração ambiental; segurança e soberania alimentar; tecnologias sociais.

Contexto

A experiência relatada nesse documento diz sobre as vivências e trabalho de manejo agroflorestral desenvolvido no assentamento José Lutzenberger e essas vivências podem agregar positivamente para o temas manejo de agroecossistemas de base ecológica e construção do conhecimento agroecológico, pois sistematizar experiências agroecológicas como essa, com métodos, processos e resultados é extremamente importante para incentivar e ser exemplo para outras comunidades que queiram fazer a transição agroecológica e desenvolver o manejo agroflorestral.

Após um pouco mais de 20 anos de ocupação e luta, as famílias do acampamento José Lutzenberger conseguiram a conquista definitiva da terra com reconhecimento de assentamento em 2022. O assentamento situa-se na comunidade do Rio Pequeno, localizada no município de Antonina no litoral do Paraná, região de Mata Atlântica e

Área de Proteção Ambiental (APA de Guaraqueçaba). Anteriormente à ocupação pelas famílias agricultoras, a antiga Fazenda São Rafael era uma propriedade que



não cumpria a função social da terra, além disso, acumulava infrações ambientais, uma delas sendo a mudança do curso do rio pequeno, e impactos gerados pela bubalinocultura, como a compactação do solo, a contaminação de minas, o desmatamento, a perda da biodiversidade local e o assoreamento do Rio Pequeno (LOPES et al. 2021).

A experiência realizada foi de transição agroecológica e implementação de um módulo de agrofloresta no assentamento José Lutzenberger com a participação dos bolsistas e voluntários do projeto de extensão Tecnologias Sociais para a Promoção da Segurança e Soberania Alimentar, vinculado ao curso de Tecnologia em Agroecologia, e dos participantes do módulo ICH (Interações Culturais e Humanísticas) Transição Agroecológica da UFPR Litoral e dos agricultores e agricultoras do assentamento José Lutzenberger (MST). Dessa forma, foram desenvolvidos processos de mapeamento de práticas e tecnologias sociais a partir de 2019, com atividades de diagnóstico e vivências com a comunidade local por meio de troca de saberes e diálogos criando uma relação entre a universidade e comunidade (Figura 1).



Figura 1: Relação entre a universidade UFPR Litoral e a comunidade do assentamento José Lutzenberger

Fonte: A Autora, 2023

A transição agroecológica e a implementação de agroflorestas foram pensadas levando em consideração que o assentamento fica dentro de uma APA, o que pode ser limitante em relação à produtividade, mas, com a utilização da agroecologia e do



pensamento ambiental ecológico, essa é uma condição que pode servir de exemplo de alternativa para a produção agrícola convencional.

O solo do assentamento estava muito compactado pela criação extensiva de búfalos. Os anos iniciais do processo de transição foram desafiadores, devido à dificuldade do manejo do solo e da braquiária. Foram cerca de cinco anos de trabalho e manejo para que os sistemas produtivos respondessem ao processo de recuperação e os agricultores pudessem produzir alimentos saudáveis. A produção é agroecológica, dividida em uma área de sistema agroflorestal coletiva e quintais produtivos, que alimenta as famílias assentadas e o excedente é vendido e distribuído para as escolas, via Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), e feiras do litoral do Paraná.

Entende-se por sistema agroflorestal um agroecossistema que faz o consórcio entre culturas agrícolas e a floresta nativa, assim desenvolvendo a produção agrícola em harmonia com o meio ambiente trazendo benefícios econômicos e ecológicos, a criação desse sistema foi atribuída ao pesquisador suíço Ernst Gotsch. A denominação “sistema agroecológico” está baseada em uma agricultura de menor impacto ambiental que promove melhores condições aos agricultores e inclusão social, conciliando as necessidades do agricultor em desenvolver sua unidade produtiva, com geração de renda, conservação e recuperação ambiental, visando a qualidade alimentar e social. (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

Dessa forma, é uma alternativa ao modelo convencional de agricultura predatória e insustentável. As principais produções são de mandioca, banana, milho, batata-doce, quiabo e cheiro verde (Figura 2). Esses alimentos são produzidos na área coletiva de produção, onde cada assentado deve, por meio de acordo interno do assentamento, trabalhar. Essa área coletiva de produção é dividida em 4 hectares de SAF e 6 hectares de horta. Portanto, as vivências no assentamento José Lutzenberger têm por objetivo recuperar a terra para que ela seja produtiva por meio da transição agroecológica, da implementação de sistemas agroflorestais e da sistematização por meio de metodologias participativas, assim promovendo uma produção ecológica e auto suficiente, que garante a segurança e soberania alimentar e promove renda para a comunidade local, além de proporcionar o diálogo entre essa comunidade e a universidade, desenvolvendo diálogo de saberes e trocas de conhecimento popular, ancestral e científico.



Figura 2: Produção do SAF coletivo no assentamento José Lutzenberger
Fonte: Projeto Tecnologias Sociais

Descrição da Experiência

Nessa experiência foi utilizada a metodologia de pesquisa-ação que visa uma pesquisa em que há aproximação do pesquisador com o objeto de investigação (NAIDITCH, 2023), nesse caso dos estudantes extensionistas e do módulo Transição Agroecológica vinculados ao curso de tecnologia em Agroecologia da UFPR Litoral com a comunidade de agricultores do assentamento José Lutzenberger, a fim de encontrar uma ação de solução com o diálogo de saberes.

No assentamento, foram desenvolvidas diversas metodologias participativas com o intuito de construir conhecimento e entender coletivamente as necessidades da comunidade para então desenvolver ações pertinentes. O diagnóstico socioambiental participativo é uma dessas metodologias e permite a análise dos contextos social e ambiental do assentamento em conjunto com os agricultores e agricultoras. Outra metodologia utilizada foi a do círculo de cultura (Figura 3), na qual os participantes se dispõem em roda de conversa, assim proporcionando a comunicação e a participação de todos sem que ninguém ocupe um lugar proeminente. O caderno de campo foi importante também para a observação e intervenção, pois ele é uma ferramenta metodológica que possibilita notar processos de trabalho e serviços na pesquisa de campo. Por fim, a sistematização foi essencial para a organização e memória das ações e das pesquisas desenvolvidas.

As vivências no assentamento se desenvolveram a partir dessas metodologias participativas e geraram conhecimento horizontal e troca de saberes, o que tornou possível a observação dos problemas, terra compactada e com poucos nutrientes, e



as intervenções, implantação de SAFs (Sistemas Agroflorestais) e quintais produtivos. Dessa forma, a experiência ocorreu de maneira que os extensionistas e estudantes iam até o assentamento aplicar as metodologias participativas, para assim ser possível decidir com as famílias camponesas as ações mais adequadas às necessidades do território, da comunidade e do meio ambiente.



Figura 3 - Círculo de Cultura no assentamento José Lutzenberger.
Fonte: A Autora, 2022.

Resultados

A implementação de sistemas agroflorestais no assentamento na área coletiva e nos quintais produtivos resultou na melhora da qualidade do solo, da água e da biodiversidade local. Além disso, proporcionou que a comunidade local tivesse uma área produtiva que as alimentasse e trouxesse renda, sendo autossuficiente e sustentável, além de promover a restauração ambiental, essencial para a promoção dos serviços ecossistêmicos.

A comunidade inserida na área de APA contribui para a proteção ambiental, manutenção da floresta e produção de alimento agroecológico, isso proporcionou em 2017 que o assentamento ganhasse o prêmio “Juliana Santilli” pelo reflorestamento do bioma Mata Atlântica. Resultados como esses colocam em evidência a importância da construção do conhecimento agroecológico e da luta pela reforma agrária, pois apresentam como a transição agroecológica e a reforma agrária são alternativas possíveis e justificáveis ao modelo de produção agrícola convencional, baseada em latifúndios, dependência de insumos externos e destruição do meio ambiente.



Assim, as vivências no assentamento José Lutzenberger contribuem para a Agroecologia por aplicar suas bases teóricas, colocar em prática e gerar resultados positivos e inspiradores. É importante ressaltar também a relevância da troca de saberes praticada nessa experiência, pois o diálogo entre a universidade e a comunidade permite a produção e construção do conhecimento de forma coletiva e socializada, fundindo o conhecimento científico teórico com o conhecimento popular tradicional prático, assim beneficiando a aprendizagem do coletivo. Dessa forma, a extensão universitária incentiva e proporciona aos estudantes exercer a prática dos seus estudos, portanto se beneficiando da troca de saberes com as comunidades tradicionais, desenvolvendo-se academicamente e pessoalmente.

Referências bibliográficas

CAPORAL, Francisco R.; COSTABEBER, José A. **Agroecologia e Extensão Rural: Contribuições para a promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável**. Brasília: MDA/SAF/DATER - IICA, 2004.

LOPES, Rogério L. *et al.* Tecnologias sociais no litoral do Paraná: construção de territórios agroecológicos a partir de experiências do MST e do curso de Tecnologia em Agroecologia da UFPR. IN: SANSOLO, Davis; ADDOR, Felipe; EID, Farid (coord.). **Tecnologia social e reforma agrária popular**. Cultura acadêmica, 2021. volume I, p. 196- 220.

NAIDITCH, Fernando. **Pesquisa-ação**. Gestrado UFMG, Belo Horizonte. Disponível em: <<https://gestrado.net.br/verbetes/pesquisaacao/>>. Acesso em: 16 de maio 2023.